

chama negra

alyson noël

chama negra

os imortais – volume 4

TRADUÇÃO DE FLÁVIA SOUTO MAIOR



Copyright © 2009 Alyson Noël, L.L.C.

Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de todo o conteúdo ou de parte dele, em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL
Dark Flame

PREPARAÇÃO
Marina Vargas

REVISÃO
Umberto Figueiredo Pinto
Shirley Lima

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

CAPA
Angela Goddard

ADAPTAÇÃO DA CAPA
Julio Moreira

FOTO DA CAPA
Herman Estevez

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N691c

Noël, Alyson
Chama negra / Alyson Noël ; tradução Flávia Souto
Maior. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.
(Os imortais ; v. 4)

Tradução de: Dark Flame
ISBN 978-85-8057-012-0

1. Ficção americana. I. Maior, Flávia Souto. II. Título. III. Série

10-6133

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Rose Hilliard —
porque é um sonho trabalhar com ela
e eu não teria conseguido sem sua ajuda!

agradecimentos

Como sempre, meus agradecimentos enormes, brilhantes e com confete voando para:

Bill Contardi — o que posso dizer? Você é o MELHOR! Obrigada por todo o trabalho duro que teve para me ajudar!

Marianne Merola — obrigada por ajudar a espalhar a série *Os imortais* pelo mundo!

A equipe da St. Martin's, incluindo, mas certamente não se limitando, a Matthew Shear, Rose Hilliard, Anne Marie Tallberg, Katy Hershberger, Brittney Kleinfelter, Angela Goddard e outros...

Minha família e meus amigos — vocês sabem quem são! Obrigada por todo o amor e o apoio e por me arrastar para longe do computador justamente quando eu mais precisava. Valorizo isso mais do que imaginam!

Sandy, o Santo Padroeiro dos Hipopótamos Azuis — você é o máximo!

E, é claro, meus leitores — vocês não somente tornam tudo isso possível, como também fazem com que valha a pena, seja divertido e totalmente empolgante. Não tenho como agradecer o suficiente a vocês!

Contemplei o coitado...
o desgraçado monstro que eu havia criado.

— MARY SHELLEY, *FRANKENSTEIN*

— Mas que *borra!*

Haven derruba seu cupcake com cobertura cor-de-rosa, granulado vermelho e forminha prateada. Seus olhos com maquiagem pesada procuram os meus enquanto observo a praça lotada e me encolho. Arrependo-me imediatamente da decisão de ter ido até ali. Fui tola o suficiente para pensar que a loja de cupcakes preferida de Haven em um belo dia de verão seria o melhor lugar para dar a notícia. Como se aquele bolinho de morango pudesse, de alguma forma, adoçar a mensagem. Mas no momento meu desejo é que tivéssemos ficado no carro.

— Fale baixo. *Por favor.* — Pensei em falar gentilmente, mas acabei soando como uma diretora de escola velha e mal-humorada. Vejo-a se inclinar para a frente, colocar a franja com mechas platinadas atrás da orelha e estreitar os olhos.

— Desculpe, mas você está falando sério? Você vem aqui e joga essa bomba enorme na minha cabeça. *Enorme mesmo.* Meus ouvidos ainda estão zunindo, minha cabeça está girando, e eu meio que preciso que você repita só para ter certeza de que disse realmente o que eu acho que disse, e sua única preocupação é que eu esteja *falando muito alto? Você está brincando?*

Balanço a cabeça e olho em volta, entrando em *modo de segurança* enquanto diminuo o tom de voz e digo:

— É que ninguém pode saber. Isso *precisa* continuar sendo um segredo. É *fundamental* — ênfase, percebendo tarde demais que estou falando com uma pessoa totalmente incapaz de guardar segredos alheios, muito menos um segredo próprio.

Ela revira os olhos e recosta na cadeira, resmungando baixinho. Aproveito para analisá-la atentamente, surpresa em ver os sinais já presentes: a pele

pálida está luminosa, limpa, praticamente sem poros aparentes, e os cabelos castanhos ondulados com a mecha loura na frente estão tão brilhantes e sedosos quanto os de uma propaganda de xampu. Até os dentes ficaram mais alinhados, mais brancos. Não consigo parar de pensar em como tudo isso aconteceu rápido, com apenas alguns goles de elixir, enquanto, no meu caso, levou tanto tempo.

Continuo a observá-la. Respiro fundo e vou em frente, quebrando minha promessa de nunca escutar os pensamentos mais profundos de meus amigos, enquanto me esforço para ver melhor, espiar sua energia, as palavras que ela não está compartilhando... certa de que, se em algum momento é justificável xeretar, esse momento é agora.

Mas, em vez do meu lugar de sempre, na primeira fila, encontro uma parede sólida que me impede de entrar. Mesmo depois que escorrego a mão casualmente e encosto em seus dedos, fingindo interesse no anel de caveira prateado que ela está usando, não consigo nada.

Seu futuro está oculto para mim.

— Isso é tão... — Ela engole em seco e olha em volta, observando a fonte borbulhante, a jovem mãe empurrando um carrinho enquanto conversa aos berros pelo celular, um grupo de meninas saindo de uma loja de biquínis com inúmeras sacolas nos braços... olhando para todos os lados, menos para mim.

— Sei que é muita informação para processar... *mas mesmo assim*... — Dou de ombros, sabendo que terei que me esforçar, mas sem saber como.

— *Muita informação para processar? É assim que você encara?* — Ela balança a cabeça e tamborila os dedos no braço da cadeira verde de metal enquanto me olha de cima a baixo.

Eu suspiro, desejando ter lidado melhor com isso, desejando que pudesse voltar atrás, mas é tarde demais. Não tenho escolha a não ser lidar com a confusão que criei.

— Acho que eu esperava que *você* estivesse encarando as coisas desse modo. — Dou de ombros. — É loucura. Eu sei.

Ela respira fundo, a expressão tão tranquila e plácida, que é impossível interpretá-la. Estou prestes a falar, a começar a implorar seu perdão, quando ela diz:

— É sério? Você me tornou imortal? Tipo... *de verdade?*

Faço que sim com a cabeça. Sinto o estômago embrulhar de nervoso enquanto me endireito na cadeira e jogo os ombros para trás, preparando o golpe que certamente virá em minha direção. Sei que não tenho escolha, a não ser aceitar o que quer que venha, verbal ou físico. Eu mereço, por ter acabado com a vida que ela conhecia.

— Eu só... — Ela respira e pisca várias vezes. Sua aura está invisível, não me dá pista alguma sobre seu humor, agora que a transformei em alguém igual a mim. — Bem... eu estou completamente chocada. Sério. Nem sei o que dizer.

Pressiono os lábios e levo as mãos ao colo, tomando cuidado com o pingente de cristal na pulseira que sempre uso, limpo a garganta e digo:

— Haven, ouça, eu sinto muito. *Sinto tanto, tanto, tanto!* Você nem tem ideia. Eu só... — Balanço a cabeça, sabendo que deveria ir direto ao ponto, mas sentindo que preciso explicar meu lado... A decisão impossível que fui obrigada a tomar... Como me senti ao vê-la tão pálida, tão indefesa, entre a vida e a morte, cada respiração fraca podendo ser a última...

Mas, antes que eu possa começar, ela se inclina em minha direção, com os olhos bem abertos, fixos nos meus:

— Está *maluca?* — Ela balança a cabeça. — Está mesmo se *desculpando* enquanto estou sentada aqui, tão eletrizada, tão pasma, que nem consigo imaginar como retribuir?

Hã?

— Quero dizer, isso é *tão* legal! — Ela sorri, remexendo-se na cadeira, o rosto iluminado como uma lâmpada de mil watts. — É sério: é a coisa mais incrível que já me aconteceu... e devo isso a *voce!*

Engulo em seco, olhando em volta, sem saber como reagir. Não era o que eu esperava. Não foi para isso que me preparei. Embora seja exatamente o que Damen me avisou que aconteceria.

Damen, meu melhor amigo, minha alma gêmea, o amor das minhas vidas. Meu incrivelmente lindo, sexy, inteligente, talentoso, paciente e compreensivo namorado, que sabia que isso aconteceria e que implorou para vir junto exatamente por esse motivo. Mas fui muito teimosa. Insisti em fazer tudo sozinha. Fui eu quem a *transformou*, fui eu quem fez com que tomasse o elixir, então sou eu quem deve explicar. Só que as coisas não estão acontecendo como eu imaginava. Nem perto disso.

— É como ser um vampiro, certo? Tirando a parte de sugar sangue? — Seus olhos brilhantes buscam os meus, ansiosos. — Ah, e sem o lance dos caixões e de precisar fugir do sol também! — Sua voz se eleva com a empolgação. — Isso é *tão* incrível! É como um sonho se realizando. Tudo o que eu sempre quis finalmente aconteceu. Sou uma vampira! Uma vampira linda, mas sem os efeitos colaterais pavorosos!

— Você não é uma vampira — digo com a voz indiferente, apática, perguntando a mim mesma como chegamos a esse ponto. — Vampiros não existem.

Não, não existem vampiros, lobisomens, elfos, fadas — apenas imortais, cuja lista, graças a Roman e a mim, está aumentando rapidamente...

— Como você pode ter certeza? — Haven pergunta, erguendo as sobrancelhas.

— Porque Damen está por aqui há muito mais tempo do que eu — digo —, e ele nunca encontrou nenhum, nem ninguém que tenha encontrado um. Achemos que todas essas lendas sobre vampiros têm origem nos imortais, só que com algumas grandes distorções, como essas coisas de se alimentar de sangue, não poder sair à luz do dia e ser alérgico a alho. — Eu me inclino em sua direção. — Acrescentaram tudo isso para aumentar o drama.

— Interessante. — Ela confirma com a cabeça, embora sua mente esteja claramente em outro lugar. — Ainda posso comer cupcakes? — Ela vai na direção de seu bolinho de morango amassado, deformado de um lado, esmagado contra a embalagem de papel, enquanto o outro continua fofo, implorando para ser comido. — Ou tem alguma outra coisa de que eu precise... — Ela arregala os olhos, não me dando tempo para responder antes de bater na mesa e berrar: — Aimeudeus, é *aquele suco*, não é? Aquela coisa vermelha que você e Damen sempre bebem! É isso, não é? *Então*, o que está esperando? Pode me dar, vamos oficializar isso, mal posso esperar para começar!

— Eu não trouxe — digo, vendo a decepção em seu rosto enquanto me apresso em explicar: — Eu sei que você acha isso muito legal e tudo mais... e tem uma parte que é, sem dúvida. Quer dizer... você nunca vai envelhecer, nunca vai ter espinhas ou pontas duplas nos cabelos, nunca vai precisar fazer exercícios e pode até ficar mais alta. Quem sabe? Mas há outras questões. Questões que você deve saber. Questões que eu preciso explicar para... — Minhas palavras são interrompidas pela visão de Haven pulando da cadeira tão rápida e graciosamente que parece uma gata. Outro efeito colateral da imortalidade.

Saltitando, ela diz:

— Ah, por favor! O que eu preciso saber? Se posso pular mais alto, correr mais rápido, nunca envelhecer ou morrer... de que mais poderia precisar? Parece que estou pronta para o restante da eternidade.

Olho em volta, nervosa, determinada a diminuir sua empolgação antes que ela faça algo maluco. Algo que atraia o tipo de atenção que não queremos.

— Haven, por favor. *Fique sentada*. Estou falando sério. Tenho mais coisas para explicar. *Muito* mais — sussurro, e as palavras são duras, cruéis, mas parecem não surtir efeito. Ela apenas permanece parada na minha frente, balançando a cabeça e se recusando a ceder. Está tão embriagada por seu novo poder imortal que passa de rebelde direto para hostil.

— *Tudo* é sério com você, Ever. *Cada coisinha* que você diz e faz é tão séria! *Verdade*, você me dá as chaves do reino e depois exige que eu fique quieta para me contar sobre o lado sombrio? Pirou de vez? — Ela revira os olhos. — Vamos, desencane um pouco. Pode ser? Deixe-me experimentar, fazer um *test drive*, ver do que sou capaz. Vou até apostar corrida com você! A primeira a chegar à biblioteca ganha!

Balanço a cabeça e suspiro, desejando que não tivesse que fazer isso, mas sei que precisarei fazer uso de telecinese. É a única coisa que pode colocar um ponto final nisso tudo e mostrar a ela quem manda aqui. Apertando os olhos, concentro-me em sua cadeira, movendo-a tão rapidamente sobre os ladrilhos que seus joelhos se entortam e forçam-na a sentar.

— Ei, isso machuca! — Ela passa as mãos nas pernas e me olha furiosa.

Eu apenas dou de ombros. Ela é imortal, não vai ficar contundida. Além disso, há muito que explicar, e pouco tempo se ela continuar assim, então me inclino em sua direção, certificando-me de que tenho toda a sua atenção, e digo:

— Acredite em mim, você não pode participar do jogo se não souber as regras. E, se não souber as regras, alguém pode se machucar.